

O tenentismo revisitado 100 anos depois: um estudo da trajetória política de suas lideranças¹

Natália Cristina Granato²

Resumo: Em todas as revoltas, conspirações e golpes no Brasil republicano, realizadas entre os anos de 1922 e 1964, houve a participação dos jovens tenentes rebeldes da década de 1920. A ação política desse grupo foi decisiva para os rumos que a história tomou. Esse trabalho pretende visitar a trajetória política dos seguintes tenentes: Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Miguel Costa, Luiz Carlos Prestes, João Alberto Lins de Barros, Djalma Dutra Soares, Isidoro Dias Lopes, Juarez Távora e Oswaldo Cordeiro de Farias. Eles ganharam notoriedade no decorrer do século XX, participando dos principais movimentos e rumos que a política tomou. Sabe-se que o Exército é uma das instituições mais poderosas e influentes da república, desde a sua proclamação, ocorrida em 1889. No entanto, a novidade que o movimento tenentista trazia dentro das Forças Armadas era o alto grau de contestação e ação de jovens tenentes, que ocupavam baixas posições na hierarquia militar. Verificaremos quais foram os principais alinhamentos ideológicos e políticos desses agentes, visualizando as diferentes correntes de atuação recorrentes nas Forças Armadas, paralelamente à ideia de “soldado cidadão”, que reforçava a presença de militares na política.

Palavras-chave: tenentes, militares na política, rebeldia.

¹ Uma versão preliminar do presente artigo foi publicada nos Anais do II Encontro sobre pensamento social brasileiro da Unesp de Marília: 100 anos de 1922 e as transformações no Brasil Moderno, realizado em maio de 2022 (virtual). Anais do GT Estado, política e poder na república brasileira.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Assessora Técnica na Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná. E-mail: nataliagranato@hotmail.com

Tenentismo revisited 100 years later: a study of the political trajectory of its leaders

Abstract: In all the revolts, conspiracies and coups in republican Brazil, carried out between 1922 and 1964, there was the participation of young rebel lieutenants from the 1920s. The political action of this group was decisive for the course that history took. This work intends to revisit the political trajectory of the following lieutenants: Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Miguel Costa, Luiz Carlos Prestes, João Alberto Lins de Barros, Djalma Dutra Soares, Isidoro Dias Lopes, Juarez Távora and Oswaldo Cordeiro de Farias. They gained notoriety during the 20th century, participating in the main movements and directions that politics took. It is known that the Army is one of the most powerful and influential institutions of the republic, since its proclamation, which took place in 1889. However, the novelty that the tenentista movement brought within the Armed Forces was the high degree of contestation and action by young people: lieutenants, who occupied low positions in the military hierarchy. We will verify what were the main ideological and political alignments of these agents, visualizing the different currents of action recurring in the Armed Forces, in parallel with the idea of "citizen soldier", which reinforced the presence of the military in politics.

Keywords: tenentismo, military in politics, rebellion.

Introdução

Em todas as revoltas, conspirações e golpes no Brasil republicano, realizadas entre os anos de 1922 e 1964³, houve a participação dos jovens tenentes rebeldes da década de 1920. A ação política desse grupo foi decisiva para os rumos que a história tomou.

O Exército é uma das instituições mais poderosas e influentes da república, desde a sua proclamação, ocorrida em 1889. Como uma instituição que desenvolve identidade nos indivíduos, o Exército pode ser definido a partir de suas características institucionais, observando o processo de recrutamento, o treinamento do corpo de oficiais, a estrutura interna, a localização geográfica dos efetivos militares e a sua ideologia organizacional (CARVALHO, 2019, p.30).

O tenentismo, fenômeno surgido em 1922, trouxe significativas mudanças para a política nacional. A novidade que o movimento tenentista trazia era o alto grau de contestação e ação de jovens tenentes, que ocupavam baixas posições na hierarquia militar.

O movimento tenentista trazia em seu bojo a necessidade de reforma no sistema político brasileiro, marcado por fraudes eleitorais, máquinas coronelísticas, manipulação e mandonismo. A manipulação do sistema político oligárquico era reconhecida pela própria classe dos políticos, seja da situação ou da oposição. A crise dos anos 1920 explicitaram as contradições do regime que não formava consensos: “as fraudes só se tornaram um problema magno quando, pelo desenvolvimento econômico e pela irrupção de novos atores sociais, a coordenação dos poderes oligárquicos começou a falhar” (LYNCH, 2014, p.118).

Como antecedentes das revoltas tenentistas, assinalamos a importância das cisões oligárquicas registradas nas eleições presidenciais anteriores à eclosão dos movimentos, que inflamaram os jovens oficiais. A primeira eleição presidencial com registro de confrontação política ocorreu em 1910, que registrou a divisão dos eleitores entre “civilistas” e “hermistas”. O primeiro grupo era apoiado pelos estados da Bahia, São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro, que lançaram o nome de Rui Barbosa para a presidente. Já o segundo grupo mobilizou militares e os estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais em prol do nome de Hermes da Fonseca, gaúcho que saiu vitorioso das eleições. Em 1919, o Brasil assistiu a outra eleição presidencial competitiva. Epitácio

³ As revoltas, conspirações e golpes se referem aos seguintes marcos históricos: Revolta do Forte de Copacabana de 1922, Revolta tenentista de 1924, que se alastrou em São Paulo, Mato Grosso, Sergipe, Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul, Coluna Prestes, que percorreu mais de 25 mil quilômetros no Brasil profundo, ocorrida entre os anos de 1925 a 1927, Revolução de 1930, Rebelião paulista de 1932, Levante comunista de 1935, Golpe do Estado Novo, em 1937, o Golpe de 1945, que depôs Getúlio Vargas, a crise política de 1954, que resultou no suicídio de Vargas, o golpe preventivo de 1955, destinado a garantir a posse de Juscelino Kubitschek, a crise política de 1961, que impediu a posse de João Goulart e o golpe de 1964.

Pessoa, apoiado pelos estados da Paraíba e do Rio Grande do Sul, foi o único nordestino a exercer a presidência na Primeira República, vencendo as eleições contra Rui Barbosa (LEVINE, 1980).

Por sua vez, as eleições presidenciais 1922 proporcionaram mais fôlego às cisões no interior do sistema oligárquico. Ela foi disputada pelo candidato oficial da oligarquia mineira, Arthur Bernardes, também apoiado por São Paulo. Seu opositor era representante da oligarquia fluminense, Nilo Peçanha, também apoiado pelos estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia. O primeiro, como o esperado, venceu a disputa, mas nesta ocorreu o fato conhecido posteriormente como “Episódio das Cartas Falsas”. Nele, o candidato situacionista à presidência Arthur Bernardes supostamente fazia comentários desrespeitosos ao destacado militar Hermes da Fonseca em cartas escritas por ele⁴. Posteriormente, provou-se que as cartas eram falsas, porém esse episódio entrou para a história por insuflar a revolta dos militares contra os ataques provenientes das oligarquias hegemônicas (CARONE, 1975; BASBAUM, 1997).

Entre a eleição e a posse de Artur Bernardes, os militares dividiram-se em duas facções: a dos legalistas, que defendiam a “ordem” e a dos revoltosos, que articulavam movimentos armados. O primeiro grupo tinha quase totalidade da estrutura oficial das Forças Armadas. O segundo grupo possuía um chefe de grande prestígio para estimular e apoiar as suas ações: o general Hermes da Fonseca. Segundo Nelson Werneck Sodré, assim surgiu o tenentismo, composto de militares jovens nos postos iniciais da carreira que contavam com a proteção de um chefe, que encarnava o Exército e sua capacidade de ação (SODRÉ, 1985, p.26).

Em linhas gerais, a competitividade das eleições de 1922 ocorreu devido aos dissensos oligárquicos, que “impediram o lançamento de candidaturas consensuais ou quase consensuais” (LYNCH, 2014, p.135).

Três dias após a prisão de Hermes da Fonseca, o Levante de Copacabana estourava no Rio de Janeiro, dando início ao movimento de protesto composto por jovens oficiais conhecido posteriormente pelo nome “Tenentismo”.

A rebelião no Forte de Copacabana contou com nomes como Eduardo Gomes e Siqueira Campos. Foi a pioneira em propagar a necessidade da reforma dos costumes políticos, e foi liderada por jovens tenentes, uma vez que a alta oficialidade recusou-se a lutar contra o status quo republicano.

⁴ Artur Bernardes chama Hermes da Fonseca de “sargento sem compostura” e “anarquizador”. Os militares reagem a esses insultos em uma moção de repúdio: “se o Sr. Bernardes for eleito, impediremos aqui o seu reconhecimento pelo Congresso; se for reconhecido, impediremos a sua posse de qualquer modo!” (CARONE, 1975, p.24).

Os oficiais, revoltados com a prisão de Hermes da Fonseca, dispararam canhões contra instalações do Exército a partir da madrugada do dia 5 de julho, o que levou ao abandono temporário do comando militar no interior do Ministério da Guerra. Em contrapartida, as forças legais bombardearam o Forte de Copacabana. Os rebeldes resistiram até a tarde do dia 6 de julho, ocasião em que se renderam e marcharam pela Avenida Atlântica, ao encontro dos oficiais legalistas. Após esse incidente, foi decretado estado de sítio no Brasil e Arthur Bernardes tomou posse da presidência em novembro de 1922.

João Alberto, uma das lideranças do tenentismo, afirmava que apenas uma revolução poderia destruir esse sistema, moralizando as práticas políticas. Segundo John Wirth (1979), um teórico que inspirou o movimento tenentista foi Alberto Torres. Trata-se de uma união entre os ideais nacionalistas e autoritários que propagavam reformas políticas no Brasil. Esses ideários ecoaram na Revolução de 1930.

Com a perseguição de Artur Bernardes à oficialidade do Exército, juntamente com o julgamento dos revolucionários de 1922, impulsiona-se a continuidade do movimento de protesto tenentista. Em 5 de julho de 1924, a cidade de São Paulo estava tomada por revoltosos, espalhados em locais como a Estação da Luz, os Batalhões da Força Pública e o Palácio Campos Elíseos. As classes conservadoras posicionam-se a favor do governador Carlos de Campos, entendendo os acontecimentos como desrespeitosos às instituições políticas do país, manifestando contrariedade à ocupação da sede do governo, definido como “profundamente democrático, dedicado aos interesses e prosperidade do estado de São Paulo” (CARONE, 1975, p.59).

Como resposta, o governo federal espalhou suas tropas e atacou os bairros mais populosos de São Paulo para conter o movimento revoltoso. A população civil entrou em pânico, “o Brás apresentava um aspecto de verdadeira desolação (...) foi um dos mais castigados pelos disparos” (CARONE, 1975, p.65). Com os sucessivos ataques, os tenentes rebelados se retiraram da cidade de São Paulo, na madrugada de 27 de julho de 1924.

Os levantes tenentistas espalharam revoltas nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Sergipe, Amazonas, Pará, Rio Grande do Sul, entre outras unidades da federação (FORJAZ, 1983).

Trajetórias de lideranças tenentistas

O Movimento Tenentista da década de 1920 demonstra a rebeldia militar contra as práticas políticas adotadas pelas oligarquias regionais durante a República Velha. As ações rebeldes da

jovem oficialidade armada tiveram continuidade protesto tenentista ocorrido a partir de 1924. Sem uma ideologia clara, una e coesa, as contestações ao sistema oligárquico começaram com aspirações moderadas, em prol da moralização das práticas políticas do país. Em seus programas, os tenentes propagavam a defesa e valorização do Exército, da liberdade de opinião e imprensa, do voto secreto, do equilíbrio entre os poderes, da instrução pública, do acesso à justiça, da mudança do sistema de nomeação dos magistrados, entre outros, além da crítica aos vícios do sistema oligárquico como o nepotismo, a “incompetência técnica” na administração, a “falta de integridade moral”, a “perversão dos costumes políticos”, entre outros (CARONE, 1975).

A tática dos tenentes consistia em aliciar jovens oficiais para rebelar unidades isoladas, agindo rapidamente nos momentos de eclosão dos conflitos. Após o estopim, aguardavam adesões de oficiais superiores com maior prestígio (CARVALHO, 2019, p.78). Dando prosseguimento ao movimento, em 1924, retirou-se com sua tropa da cidade gaúcha de Santo Ângelo, o líder tenentista Luís Carlos Prestes, formando o movimento que posteriormente seria conhecido como a “Coluna Prestes”. A data de 2 de abril de 1925 ficou marcada pelo encontro das tropas gaúchas e paulistas dos tenentes, em Foz do Iguaçu. A Coluna Prestes atravessou o Brasil com suas propostas modernizantes e moralizantes ante o sistema oligárquico tradicional, agregando em seus programas as inquietações sociais, principalmente com a figura de Prestes⁵.

A épica marcha tenentista também contou com as lideranças de Miguel Costa, Siqueira Campos, João Alberto Lins de Barros, Djalma Dutra Soares e Oswaldo Cordeiro de Farias. Com este bravo espírito, “uma verdadeira mística popular cresceu imediatamente em torno da aventura, e seus líderes ganharam estatura de heróis nacionais” (LEVINE, 1980, p.17). Os tenentes percorriam o Brasil denunciando a situação de miséria e opressão vivenciada pelo povo, percorrendo cerca de 25 mil quilômetros no território nacional, na marcha épica realizada pela Coluna Prestes.

As origens sociais dos jovens tenentes associavam-se às famílias tradicionais empobrecidas. A partir desse dado, identifica-se a não-relação direta entre os tenentes e a classe média, ao contrário do que boa parte da literatura sobre o movimento tenentista afirma (SANTA ROSA, 1976; SODRÉ, 1965).

O próximo quadro mostra a trajetória de algumas lideranças tenentistas, da década de 1920 ao período pós-1945.

⁵ O mesmo começou a dialogar com as ideias comunistas a partir de 1927, aderindo ao Partido Comunista depois de sua passagem por Moscou no início da década de 1930, filiando-se oficialmente em 1934.

REVISTA MUNDO E DESENVOLVIMENTO
Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

QUADRO 1: TRAJETÓRIA DE LÍDERES TENENTISTAS

Nome/local/ano de nascimento/Formação	Década de 1920	Era Vargas	Pós-1945
Eduardo Gomes, Petrópolis, RJ, 1896. Escola Militar RJ, 1918. Curso de Artilharia, 1918. Escola de Aviação Militar, RJ, 1921.	18 do Forte de Copacabana, 1922. Revolta tenentista de 1924. Preso de 1924 a 1926. Participou da articulação de Revolução de 1930.	Repressão à Revolta Paulista de 1932. Comando do 1º Regimento de Aviação na Repressão ao Levante de 1935. Auxílio aos Aliados na Segunda Guerra	Candidato à presidência pela UDN, 1945, derrotado por Dutra. Candidato à presidência pela UDN, 1950, derrotado por Vargas. Oposição à Vargas, aliado a Carlos Lacerda, 1954. Ministro da Aeronáutica, Governo Café Filho. Apoiador do Golpe de 1964
Siqueira Campos, Rio Claro, SP, 1898. Escola Militar do Realengo, 1918 RJ, 1921	18 do Forte de Copacabana, 1922. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio em Buenos Aires, onde entrou em contato com a Internacional Comunista. Ativo na preparação da Revolução de 1930.	Vítima fatal de um acidente de avião antes de convencer Prestes a apoiar a Revolução de 1930.	
Miguel Costa, Buenos Aires, 1874. Soldado da Força Pública Paulista.	Revolução Paulista, 1924. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio na Bolívia. Apoio à Revolução de 1930.	Aliado de João Alberto na interventoria paulista. Líder da Legião Revolucionária em SP. Secretário de SP. Comandante da Força Pública. Preso pelos líderes da Revolta Paulista de 1932. Membro da Aliança Nacional Libertadora. Preso em 1935. Perdeu a cidadania brasileira e o posto de general.	
Luiz Carlos Prestes, Porto Alegre, 1898.	Destacamento de Prestes/Miguel Costa,	Residiu na URSS a partir de 1931.	Secretário-Geral do Partido Comunista

REVISTA MUNDO E DESENVOLVIMENTO
Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

<p>Colégio Militar. Engenharia Militar-Escola Militar do Realengo, 1919</p>	<p>1924-1927. Exílio na Bolívia. Membro da Internacional Comunista. Convidado a apoiar a Revolução de 1930, recusou as ofertas de Oswaldo Aranha.</p>	<p>Comandante da Aliança Nacional Libertadora. Líder do levante de 1935. Preso de 1935 a 1945. Sua esposa, a militante Olga Benário, foi deportada para a Alemanha Nazista</p>	<p>Brasileiro a partir de 1943. Anistiado em 1945. Deputado Federal (1945) e Senador (1945-1948) pelo PCB. Com o Golpe de 1964, foi cassado pelo AI-1. Exílio na URSS e retorno ao Brasil em 1979. Rompimento com o PCB (1981).</p>
<p>João Alberto Lins de Barros, Recife, 1897. Escola Militar do Realengo, 1922. Irmão: Luís Gonzaga Lins de Barros, aliado de Prestes e da ANL</p>	<p>Revolução Paulista, 1924. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio na Bolívia. Apoio à Revolução de 1930.</p>	<p>Delegado Militar SP, 1930. Interventor de São Paulo (1931) Líder da Legião Revolucionária em SP. Repressão à Revolta Paulista de 1932. Chefe de Polícia do Distrito Federal (1932-1934). Deputado Constituinte (1934). Representante do Brasil na Liga das nações.</p>	<p>Membro do PSD. Aliado de Vargas. Chefe de Polícia do Distrito Federal, 1945. Chefe do Departamento Econômico e Consular do Ministério das Relações Exteriores, 2º Governo Vargas</p>
<p>Djalma Dutra Soares, Rio de Janeiro, 1895. Escola Militar do Realengo, 1915</p>	<p>Levante 18 do Forte de Copacabana, 1922. Revolução Paulista, 1924. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio na Bolívia. Apoio à Revolução de 1930.</p>	<p>Mártir da Revolução de 1930 em um combate na cidade de Três Corações.</p>	
<p>Oswaldo Cordeiro de Farias, Jaguarão, 1901. Escola Militar do Realengo, 1922. Irmão: Gustavo Cordeiro de Farias, tenente nas revoltas de 1922 e 1924</p>	<p>Levante 18 do Forte de Copacabana, 1922. Revolução Paulista, 1924. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio na Bolívia. Apoio à Revolução de 1930.</p>	<p>Repressão à Revolta Paulista de 1932. Chefe de Polícia em SP (1932-1934). Auxílio a Getúlio Vargas para derrubar o interventor Flores da Cunha. Interventor RS 1938-1943;</p>	<p>Comandante de Artilharia na FEB 1944-1945; Comandante na ESG 1949-1952; Comandante da Zona Militar do Norte 1952-1954; governador de Pernambuco 1955-1958; chefe da EMFA 1961; Apoio</p>

REVISTA MUNDO E DESENVOLVIMENTO
Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

			ao Golpe de 1964; Ministro Extraordinário para a Coordenação dos Organismos Regionais 1964- 1966.
Isidoro Dias Lopes, Dom Pedrito, 1865. Escola Militar de Porto Alegre, 1889. Escola Militar da Praia Vermelha, RJ, 1900	Participou da Revolução Federalista e combateu o governo de Júlio de Castilhos. Revolução Paulista, 1924. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio na Argentina Apoio à Revolução de 1930. Comando da 2ª Região Militar, SP (1930-1931)	Oposição a João Alberto e Miguel Costa. Crítico de Getúlio Vargas. Apoiou a Revolta Paulista de 1932. Exílio em Portugal. No retorno ao Brasil, opôs-se ao Estado Novo.	
Juarez Távora, Jaguaripe (CE), 1898. Escola Militar do Realengo, 1917. Irmão Joaquim Távora. Participou das Revoltas Tenentistas de 1922 e 1924. Ferido em combates, foi mártir da Revolução de 1924.	Levante 18 do Forte de Copacabana, 1922. Revolução Paulista, 1924. Destacamento de Prestes/Miguel Costa, 1924-1927. Exílio na Bolívia. Apoio à Revolução de 1930.	Ministro da Viação 1930; Repressão à Revolta Paulista de 1932. Ministro da Agricultura 1932- 1934; Retorno à carreira militar. Oposição ao governo Vargas.	Organização FEB. Filiação à UDN. Comandante da ESG 1952-1954; Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República 1954- 1955; deputado federal GB 1962- 1964; Apoio ao Golpe de 1964; Ministro da Viação 1964-1967.

Fonte: DHBB, CPDOC-FGV. Organização da autora.

Na análise das trajetórias, percebemos a recorrência de oficiais formados na Escola Militar do Realengo, no decorrer da década de 1910. Esses oficiais nasceram ao longo da década de 1890, em diferentes regiões do Brasil, vinculando suas trajetórias no Rio de Janeiro, onde receberam a formação militar. Isso contribuiu para o engajamento desses jovens nos movimentos contestatórios às oligarquias e às práticas políticas da República Velha (exceto Miguel Costa e Isidoro Dias Lopes, oficiais mais velhos na ocasião da deflagração do movimento tenentista). Outro destaque da formação militar desses oficiais refere-se à Força Pública Paulista, local de trabalho de Miguel Costa e João Cabanas, decisivo para a Revolução Paulista de 1924.

A Revolução de 1930, fruto da aliança ente oligarcas dissidentes e tenentes, não foi uma revolução exclusiva das classes médias (FAUSTO, 1975). Boris Fausto investigou as origens sociais dos mais proeminentes tenentes, e o quando acima corrobora para a recorrência de tenentes ligados às famílias tradicionais ou famílias militares. Luís Carlos Prestes era filho de um militar e de uma professora primária. João Alberto Lins de Barros era membro de uma família tradicional do Nordeste, filho de um professor secundário. Seu irmão, Luís Gonzaga, também era um ativo tenente, que seguiu caminhos diferentes em relação a João Alberto. Oswaldo Cordeiro de Farias possuía um irmão tenente, Gustavo Cordeiro de Farias. Siqueira Campos possuía um tio político com posses em São Paulo, filho de um funcionário do Departamento de Águas. Eduardo Gomes era filho do jornalista Luís Gomes, do periódico carioca *Jornal do Brasil*. Juarez Távora era descendente de nobres portugueses e membro de uma família com tradições políticas no Ceará. Exceções referem-se à Miguel Costa e João Cabanas, filhos de imigrantes espanhóis (FAUSTO, 1975, p.80). Na análise dos 10 tenentes elencados, verificamos que Djalma Dutra Soares e Isidoro Dias Lopes também não pertenciam às famílias tradicionais e/ou militares. Nesse sentido, havia elementos de distinção de classe entre os jovens oficiais, que não se aproximaram dos movimentos proletários. Mesmo com grande apelo popular, a rebeldia militar nos anos 1920 não mobilizou as massas, dado o seu caráter elitista e hierárquico. A visão militarista do movimento revolucionário também dificultou contatos com lideranças civis, pois os tenentes tinham uma visão técnica e autoritária da política.

Os tenentes também não se viam como representantes de uma categoria social ou corporação específica, mas como porta-vozes das “aspirações nacionais” que eles mesmos julgavam representar (FORJAZ, 1978, p.27).

Outro fator de destaque refere-se ao fato da coesão dos tenentes em todos os movimentos de contestação militar no decorrer dos anos 1920. Durante anos, eles estiveram unidos em prol dos mesmos ideais e estratégias de atuação. A maior parte dos tenentes partilharam os mesmos locais de exílio: a Bolívia e a Argentina onde articularam as principais movimentações para a Revolução de 1930.

Em linhas gerais, os tenentes da Revolta de 1924 e da Coluna Prestes defendiam um programa que previa a defesa do voto secreto, a limitação do Poder Executivo, o equilíbrio entre os três poderes, a moralização do Poder Legislativo e a autonomia ao Poder Executivo, além do combate a corrupção e as fraudes eleitorais (FORJAZ, 1983). Tratava-se de um programa que pretendia “republicanizar a república”, resgatando valores nacionais previstos na Constituição de

1891. Essas aspirações impulsionaram movimentos contestatórios durante a década de 1920, que culminaram na Revolução de 1930.

Um ponto de inflexão do movimento tenentista verificou-se com a falta de diálogo com as oligarquias dissidentes, que também estavam descontentes com os rumos que a política vinha tomando. Os tenentes tinham ressalvas quanto a possíveis alianças e a ideologia dos jovens oficiais era crítica em relação aos políticos civis, pois os mesmos frequentemente se perpetuavam no poder em benefício de poucos privilegiados, o que seria condenável (LAUERHASS JÚNIOR, 1986, p.74).

Para os tenentes, a “republicanização da república” era um objetivo a ser cumprido unicamente pelo exército, o “real guardião da constitucionalidade” e o verdadeiro “árbitro da legitimidade” (LAUERHASS JÚNIOR, 1986, p.74).

Nos manifestos da Revolução Tenentista de 1924, ocorrida em São Paulo com maior intensidade, presentes na obra de Edgard Carone (1975, pp. 271-279), estão evidenciadas a insatisfação dos militares quanto às atitudes do governo em relação aos mesmos (sentiam-se “desvalorizados”, isto, para os militares, seria um desrespeito à própria “nação”, uma vez que os mesmos eram seus representantes), além de críticas ao sistema eleitoral, que seria para os mesmos repleto de “vícios”, como o nepotismo, a “incompetência técnica” na alta administração, a falta de “integridade moral”, a “perversão” dos costumes políticos, entre outras críticas.

Os anseios deste movimento repousavam na liberdade de opinião e de imprensa, no equilíbrio entre os poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, na defesa do voto secreto, da justiça gratuita e da instrução pública. Os programas da Coluna Miguel Costa- Luís Carlos Prestes, presentes na obra de Edgard Carone (1975, pp. 309-316), também assinalam os mesmos anseios do movimento de 1924, tendo como novidade algumas preocupações sociais, com o seu principal líder, Luís Carlos Prestes aderindo às ideias do Partido Comunista, anos mais tarde.

As aspirações do Movimento Tenentista foram incorporadas, em grande proporção, à candidatura de Getúlio Vargas à presidência da república, em 1930, representante das oligarquias dissidentes (fora do eixo São Paulo- Minas Gerais). A candidatura de Getúlio Vargas foi derrotada nas urnas, em março de 1930, o que não era uma surpresa, pois toda oposição era neutralizada, devido a fragilidade do sistema “democrático” existente. Em outubro do mesmo ano, Getúlio Vargas foi o principal líder civil que sublevou a Revolução de 1930, juntamente com os militares que promoveram o golpe.

Considerações Finais

As principais lideranças tenentistas sentiam-se responsáveis em dirigir o destino do país, desviado dos seus verdadeiros objetivos, sendo necessária uma ruptura na ordem estabelecida, segundo eles mesmos julgavam (FAUSTO, 1975, p.92).

Foi a partir da Revolução de 1930 que as principais cisões do Movimento Tenentista ocorreram. A primeira fase de divisões no movimento verificou-se com a negativa de Luís Carlos Prestes em chefiar militarmente o movimento que colocou Vargas na presidência. Muitos relatos dos tenentes afirmam que a morte trágica de Siqueira Campos no avião que o levaria a conversar com Prestes contribuiu para a decisão do líder da Coluna, pois ele era o único tenente capaz de influenciá-lo a apoiar o movimento. Dos 10 tenentes analisados, apenas Prestes não aderiu à Revolução de 1930.

A presença de líderes tenentistas no governo provisório de Vargas foi uma das bases de sustentação de seu governo. Dentro das Forças Armadas, existiam militares com diferentes orientações políticas, que se envolviam em revoltas contra o governo central. A primeira delas foi a “Revolução Constitucionalista”, ocorrida em São Paulo, liderada por representantes da antiga oligarquia dominante paulista e oficiais insatisfeitos com Vargas. Segundo José Murilo de Carvalho (1999, p.342), 508 oficiais foram expulsos após participação em tal revolta.

Entre os analisados, dos 8 tenentes vivos na ocasião da Revolta Paulista de 1932, 5 lutaram contra os movimentos rebeldes. Dos ex-tenentes, apenas Isidoro Dias Lopes chefiou o movimento revoltoso (Prestes e Cabanas não se envolveram nos acontecimentos).

A influência de Prestes era tão imponente ao ponto de contribuir para o afastamento de muitos tenentes que apoiaram o movimento de outubro no decorrer do governo Vargas. Com a criação da Aliança Nacional Libertadora, antigos companheiros da Coluna aderiram à organização chefiada por Prestes, sendo eles: Miguel Costa e João Cabanas. Próximos a Vargas, ambos se afastaram do governo para aliar-se à ANL. Após o fim do Estado Novo, João Cabanas aliou-se novamente a Vargas, e exerceu o mandato de deputado federal pelo PTB.

Uma parcela de militares e tenentes aderiu à Aliança Nacional Libertadora, uma frente antifascista e anti-imperialista que ansiava um governo “nacional-revolucionário”. A ANL foi colocada na ilegalidade pela Lei de Segurança Nacional, após manifestos de repúdio ao governo de Vargas. Depois da ilegalidade, as ações da ANL culminaram na sublevação do Levante Comunista de 1935, em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, reprimida pelo governo. Militares liderados por

Goés Monteiro fizeram tal levante como pretexto para a justificação do golpe de 1937, juntamente com Eurico Gaspar Dutra. (ABREU, 2001). Após a repressão do levante, 107 oficiais foram expulsos (CARVALHO, 2019). Como consequência do levante, a ideologia anticomunista passou a ser fortemente propagada pelas Forças Armadas nas suas instituições e escolas de formação. O aniversário da revolta, dia 27 de novembro, passou a ser lembrado nos anos posteriores pelas forças armadas, de modo a explicitar a “ameaça comunista”.

Dos 10 tenentes analisados por este trabalho, 6 atuaram politicamente na década de 1940. No período pós-1945, 3 passaram para a oposição ao Estado Novo, e posteriormente apoiaram o Golpe de 1964. Prestes apoiou criticamente o movimento pró-Vargas em 1945 e foi perseguido pela ditadura militar. João Alberto e João Cabanas atuaram durante o 2º mandato de Getúlio Vargas.

Em linhas gerais, os caminhos percorridos pelos tenentes após a década de 1920 correspondem ao apoio concretizado ou não à Revolução de 1930 e à adesão ao governo Vargas. No estudo das 10 trajetórias vistas pelo trabalho, vimos que as cisões apresentadas pelo movimento referem-se aos momentos de inflexão como a Revolta Paulista de 1932 e ao Levante Comunista de 1935.

Após a instauração do Estado Novo, a entrada do Brasil na Segunda Guerra foi decisiva para o fortalecimento da oposição a Vargas, que mais tarde se configurou na luta contra os movimentos populares nas décadas de 1950 e 1960. O ápice das forças conservadoras com raízes tenentistas se deu com o Golpe de 1964.

Nesse sentido, assinalamos que as diferentes vertentes do movimento tenentista, com inicial conotação reformista, retumbaram ora em movimentos progressistas (ANL, trabalhismo pós-1945), ora em movimentos conservadores (ideologias autoritárias da Escola Superior de Guerra, Golpe de 1964).

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. Verbete “Revolta Comunista de 1935”. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coord.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. 2ª ed. 5º volume. Rio de Janeiro: Ed. FGV/CPDOC, 2001.

DIAS, Sônia. DHBB, CPDOC. “Eduardo Gomes – biografia”. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>> Acesso em 21.abr.2022.

REVISTA MUNDO E DESENVOLVIMENTO
Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

LACLETTE, Jorge (s/d). Campos, Siqueira (PDF). CPDOC (FGV). Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPOS,%20Siqueira%20\(1\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPOS,%20Siqueira%20(1).pdf)> Acesso em 21.abr.2022.

CPDOC FGV. Siqueira Campos. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090301201458/http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_siqueiracampos.htm> Acesso em 21.abr.2022.

MAYER, Jorge Miguel. João Alverto Lins de Barros. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-alberto-lins-de-barros-1>> Acesso em 24.abr.2022.

LACLETTE, Jorge. Djalma Soares Dutra. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/djalma-soares-dutra>> Acesso em 24.abr.2022.

MAYER, Jorge Miguel. Miguel Costa. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/miguel-costa>> Acesso em 21.abr.2022.

ABREU, Alzira Alves de; CARNEIRO, Alan. Luís Carlos Prestes. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/prestes-luis-carlos>> Acesso em 24. Abr.2022.

GRANATO, Natália Cristina. A intervenção militar nas narrativas dos generais Oswaldo Cordeiro de Farias e Juarez Távora. In: 45º Encontro Anual da ANPOCS, 2021, Caxambu, MG (online). Anais do GT42 - Teorias do autoritarismo, 2021.

LEMOS, Renato. Oswaldo Cordeiro de Farias. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/osvaldo-cordeiro-de-farias-1>> Acesso em 24. Abr.2022.

KELLER, Vilma. Isidoro Dias Lopes. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-isidoro-dias>> Acesso em 24. Abr.2022.

PANTOJA, Sílvia. Juarez Távora. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/juarez-do-nascimento-fernandes-tavora>> Acesso em 24.abr.2022.